

Diversidade Cultural e Cidadania

A atuação do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Maria Isabel Moura Nascimento

Professora da Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Coordenadora do HISTEDBR (Campos Gerais-PR).

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi

Mestranda em Educação na UEPG.

Este artigo descreve a atuação institucional do Centro Nacional de Folclore desde sua criação, na década de 1950. Suas linhas de atuação são voltadas para a pesquisa, documentação, difusão e fomento das expressões das culturas populares e dos indivíduos que as criam, recriam e mantêm vivas.

Palavras-chave: folclore, cultura popular, antropologia, museu, biblioteca, pesquisa.



This paper describes the *Centro Nacional de Folclore's* performance since its creation in the 1950s. Its line of action focuses on the research, documentation, preservation and support of the popular culture expressions as well as the people who create and keep them alive.

Keywords: folklore, popular culture, anthropology, museum, library, research.

Logo após a Segunda Guerra, na década de 1940, a Unesco recomendou aos países membros um esforço no sentido de criar organismos voltados para o conhecimento das culturas populares. Foi nesse contexto que, em 1947, estruturou-se a Comissão

Nacional de Folclore, vinculada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc), do Ministério das Relações Exteriores.

A partir dos trabalhos desta Comissão e de comissões estaduais, bem como da

mobilização decorrente de diversos congressos, foi criada, em 1958, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, subordinada ao Ministério da Educação e atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).

O CNFCP é o único órgão federal a tratar específica e sistematicamente das questões relativas ao folclore e à cultura popular. Nestes quase 50 anos de existência, tem atuado prioritariamente nas áreas de pesquisa e documentação, apoio e difusão das expressões de folclore e cultura popular em âmbito nacional.

O entendimento da instituição acerca de seu universo de atuação tem variado ao longo dos anos e acompanha as transformações do próprio campo de estudos que dá sustentação à área. Do enfoque nitidamente folclórico presente nos textos que produziu no passado aos textos antropológicos que caracterizam a produção atual, o CNFCP percorreu uma longa trajetória, que, com toda certeza, tem influenciado os rumos da política pública para as culturas populares no país.

A cultura é entendida pelo CNFCP como um processo global que reúne as condições do meio ambiente àquelas do fazer do homem. O agente social e seu produto – habitação, templo, artefato, dança, canto, palavra, entre outros – estão necessariamente inseridos num quadro social e ecológico no qual a atividade humana ganha significação. O CNFCP compreende o folclore como os modos de agir, pensar e sentir de um povo, ou seja,

como as expressões da cultura desse povo e, assim como a Unesco, considera equivalentes as expressões folclore e cultura popular.

Num país com a extensão territorial e as peculiaridades de formação social do Brasil, marcado por diferenças regionais profundas e convivência de etnias diversas, impõe-se o reconhecimento da pluralidade cultural. Apenas por razões operacionais mantém-se no singular a expressão cultura popular, embora se reconheça a existência de múltiplas expressões de cultura que resultam das formas de pensar e agir dos grupos que as viabilizam.

A atuação do CNFCP tem, portanto, como ponto de partida, o reconhecimento do caráter dinâmico e diverso da cultura, o que significa não condenar as transformações inerentes à vida social. O *tradicional* não é resíduo do passado, mas sim um conjunto de práticas sociais e culturais presentes, que se reproduzem por meio do trabalho e do poder de criação e recriação de seus agentes, constituindo sua identidade cultural.

Cabe chamar a atenção para a diversidade de agentes envolvidos no âmbito da cultura popular e, conseqüentemente, para a inscrição diferenciada do chamado produto cultural e seus respectivos produtores na sociedade – cantadores, artesãos, foliões, grupos religiosos, entre outros, são categorias diferenciadas não só entre si como internamente. Entender e documentar suas visões de mundo, formas de or-

ganização e modos de expressão são uma parte das funções atribuídas ao Centro.

Integram o CNFCP a Biblioteca Amadeu Amaral, o Museu de Folclore Edison Carneiro, os setores de Pesquisa e de Difusão Cultural, além da Divisão Técnica e de uma Divisão de Administração.

Os programas de trabalho que orientam o planejamento anual da instituição podem ser agrupados em quatro vertentes: programas que visam à realização de estudos teóricos e de cunho etnográfico e contribuem para a ampliação dos acervos bibliográfico, museológico, visual e sonoro; programas que visam ao apoio direto aos produtores culturais, os quais valorizam e divulgam a produção da cultura popular brasileira; programas de premiação que visam à difusão e ao reconhecimento de pesquisas nas áreas de folclore e cultura popular; programas que visam ao intercâmbio e à formação de público, bem como apoio a eventos, que se caracterizam pela continuidade no tempo.

As ações de pesquisa e documentação priorizam estudos e registros de caráter etnográfico, que geram publicações, tais como edições fonográficas e audiovisuals, livros, periódicos e catálogos sobre temas das culturas populares, e que contribuem para manutenção e ampliação de arquivos, de centros de documentação, bibliotecas e museus que reflitam a diversidade cultural do país. O CNFCP já produziu vasto conhecimento, que se encontra disponível para consulta pública na Biblio-

teca Amadeu Amaral e no Museu de Folclore Edison Carneiro.

No incentivo à produção, propõe projetos que, a partir do conhecimento das especificidades socioculturais que caracterizam cada caso, têm por objetivo o apoio direto aos produtores culturais, bem como o estabelecimento de parcerias com instituições oficiais e privadas a fim de criar condições favoráveis à continuidade e ao florescimento das diferentes expressões das culturas populares.

O incentivo à pesquisa é feito por meio da realização de cursos, seminários e concursos abertos à participação de interessados, estudiosos e pesquisadores que trabalhem com temas ligados às diversas manifestações do folclore e da cultura popular brasileira, estabelecendo importante elo com a produção acadêmica do país.

A difusão é voltada para o intercâmbio com instituições congêneres, com o objetivo de promover a troca de publicações e a ampla circulação da informação acerca das culturas populares brasileiras nos diferentes estados do país e no exterior. Mantém projetos para a rede de ensino, envolvendo professores e alunos, com o objetivo de fornecer subsídios para a pesquisa escolar sobre da área de atuação institucional e sobre museus, entendidos como centros de memória voltados para a implementação de processos de investigação das realidades socioculturais que marcam as formas de vida e as expressões de cultura difusas do país.

MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Seu nome é homenagem ao folclorista que dirigiu a instituição, então Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, de 1961 a 1964. Foi criado em 1968, na gestão do professor Renato Almeida, a partir de um convênio entre a Campanha e o Museu Histórico Nacional.

Instalado inicialmente nas dependências do Museu da República, transferiu-se para a rua do Catete, número 179. Em decorrência do crescimento das coleções, o Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação, dirigido na época pelo antropólogo Manuel Diêgues Júnior, cedeu o prédio da garagem do Palácio do Catete, de propriedade do Mi-

nistério, para abrigar sua sede, inaugurada em 1980.

Em 1983, tendo em vista sua expansão, pois já contava com um acervo de mais de 10 mil objetos, foi adquirido o imóvel de número 181, situado à rua do Catete, que, depois de amplas reformas, passou a abrigar as galerias permanentes de exposição do Museu. Este sobrado, contíguo ao de número 179, foi construído em 1880, e integra o conjunto arquitetônico do entorno do Palácio do Catete, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1937.

A antiga sede, na garagem do Palácio, transformou-se em anexo, e hoje, após algumas reformas, abriga um auditório, a Galeria Mestre Vitalino de exposições temporárias, um laboratório de conservação



Fachada do Museu do Folclore Edison Carneiro

voltado para o tratamento de material etnográfico, gabinetes de trabalho da equipe técnica do Museu e três reservas técnicas, que guardam, em condições adequadas, os acervos separados por matéria-prima. Recursos da Fundação Vitae possibilitaram a aquisição de mobiliário específico para guarda da coleção de pintura, e um projeto aprovado pelo BNDES tornou possível a compra de armários deslizantes para o acervo de madeira. O laboratório de conservação passou, recentemente, por obras para adaptação do espaço físico, um investimento do Ministério da Cultura que, somado a recursos provenientes da Fundação Vitae, equipou o espaço que futuramente poderá atender não só às demandas do Museu, mas também de outras instituições parceiras.

Suas coleções, expressivo acervo das culturas populares brasileiras, somam atualmente quase 13 mil objetos, reunidos, em sua maioria, em pesquisa de campo a partir de critérios científicos de coleta. Abrangem amplos universos: artesanato, arte, tecnologias tradicionais de produção de alimentos, processos e implementos de confecção de objetos artesanais, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, indumentárias, alegorias e adereços de festas e rituais, peças religiosas, como a imaginária sacra do catolicismo, ex-votos, representações de divindades das religiões afrodescendentes e muitos outros objetos que integram o vasto e rico panorama do universo popular do país.

Em 1994, a exposição permanente do Museu passou por grande reformulação.

Os espaços foram climatizados e ampliados, ocupando, desde então, também parte do prédio número 179 da rua do Catete. Com um mil e quinhentas peças, a exposição procura situar os objetos apresentando-os no contexto de sua produção e uso – as diversas tradições religiosas, os diferentes modos de subsistência, a riqueza e variedade do artesanato, a beleza das festas tradicionais e modernas, a expressão plástica dos objetos de estética popular. Como registra o texto de abertura da exposição: “Na terra que cultiva o doce, na festa que colore as roupas, nos tachos que atiçam a fome, nos cantos que celebram a vida e lamentam a morte, na fé que ora leva ao terreiro de candomblé, ora à igreja, os brasileiros se encontram e se diferenciam, se igualam e se distinguem”.

Os objetos, que foram selecionados em seus contextos sociais e culturais de origem, no Museu assumem uma nova função: a de porta-vozes de uma das muitas histórias possíveis sobre o homem brasileiro. A exposição, que usa a expressão ‘mito das três raças’ como gancho para falar sobre as múltiplas influências na formação do país, está organizada em cinco unidades temáticas: Vida, Técnica, Religião, Festa e Arte.

O módulo *Vida* oferece aos visitantes representações de artistas populares, como os mestres do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, do Vale do Paraíba paulista e do Alto do Moura, em Caruaru, Pernambuco, da comunidade do Chapéu Mangueira e da Cooperativa Abayomi, ambas no Rio de Janeiro, entre tantos

outros. São trabalhos que abordam as várias etapas do ciclo da vida – do nascimento à morte – e os rituais com que o homem, em comunidade, as distingue. Assim são representados nascimento e morte, namoro e casamento, escola, infância e brincadeiras infantis, profissões e formas de divertimento – expressões de modos de vida e visões de mundo encontradas por todo o território nacional em constante processo de transformação, estimulado pelos meios de comunicação de massa, mas preservados pela transmissão oral.

Percorrendo o módulo *Técnica*, além de ambientações de tecnologias tradicionais relativas à alimentação, o visitante

é transportado a pólos produtores de cerâmica (Maragogipinho/BA e Apiaí/SP), ao universo de tecelãs goianas, a comunidades pesqueiras nordestinas e fluminenses, com sua diversidade de rendas e trançados, e chega a uma feira popular, espaço privilegiado de escoamento da produção artesanal e de convívio social, em que se encontram o lambe-lambe ou os sábios praticantes da medicina popular, e, como não poderia faltar, atrações como mamulengueiros e repentistas com os característicos folhetos de cordel.

No exercício de sua fé, não é raro o brasileiro superpor santos católicos, orixás do candomblé e entidades de devoção



Diversidade regional: objetos que contam uma das histórias possíveis

da umbanda. O estabelecimento de laços entre homens e divindades, meta da religiosidade popular, está representado, no módulo *Religião*, por ex-votos coletados no Ceará, ferros de assentamento de orixás recolhidos na Bahia, elementos dos rituais de umbanda do Rio de Janeiro, e uma procissão ecumênica diante da lua cheia e uma imagem de São Jorge que tem à frente uma bandeira de São Benedito. A música, relevante marca cultural que permeia os diversos espaços, é aqui simbolizada por atabaques rituais com suas especificidades afrobrasileiras.

Na linguagem das danças, cantos, fantasias e comidas, o brasileiro fala sobre a sociedade em que vive, sobre seus valores e crenças. Nas festas e por meio delas, são permanentemente construídas maneiras de viver e de ver o mundo. Enfatizando o processo que culmina no grande evento, o módulo *Festa* destaca, entre outras, o maracatu pernambucano, a folia-de-reis, a escola de samba e os clóvis de carnaval do Rio de Janeiro, a cavallhada de Pirenópolis/GO e o bumba-meu-boi maranhense.

Encerrando com o módulo *Arte*, o visitante entra no universo de indivíduos que, provenientes de extratos populares, sofreram o impacto da civilização industrial, incorporando-o a sua arte. Sua obra é, ao mesmo tempo, expressão das experiências individuais e da coletividade em que se originaram e se inserem. São esculturas em barro ou madeira, gravuras e pinturas de autoria de grandes artistas, como Vitalino,

Nhô Caboclo, Luzia Dantas, GTO, Chico Tabibuia, Manoel Galdino, Antônio Poteiro, entre outros.

Essa exposição conta hoje com um guia sonoro em português, inglês, francês e espanhol que permite ao visitante empreender ritmo próprio a sua visita.

BIBLIOTECA AMADEU AMARAL

Especializada em folclore e antropologia social, a Biblioteca Amadeu Amaral (BAA) reúne hoje importantes acervos, respondendo por um conjunto global de mais de duzentos mil documentos, entre livros, revistas, periódicos, folhetos de cordel, recortes de jornal, fotografias, vídeos, filmes e registro sonoros.

Desenvolve projetos especiais de documentação, tais como a Hemeroteca digitalizada, que teve patrocínio da Fundação Vitae e está disponível na internet, com mais de sessenta mil artigos classificados e catalogados em base de dados, com busca por palavra; a Cordelteca, com seis mil folhetos de cordel também classificados, catalogados e digitalizados em base de dados disponibilizada na internet; o Tesouro da Cultura Popular, com um mil e seiscentos termos levantados, com apoio da Unesco.

Atualmente, com o patrocínio da Caixa Econômica Federal, estão em processo de digitalização 15 vídeos produzidos pelo Centro, 14 mil diapositivos, 47 números da coleção Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro e 41 números da *Revista Brasileira de Folclore*, esta última a ser disponibilizada na internet. A

BAA abriga também o Arquivo Visual da instituição, que reúne atualmente mais de 120 mil imagens, entre diapositivos, negativos, fotografias em preto e branco e a cores, impressas em papel e digitalizadas, e o Arquivo Sonoro, que reúne importantes coleções de discos, CDs, fitas cassete com gravações musicais, depoimentos e material coletado em pesquisa de campo, de diferentes épocas e locais do país.

Além do Museu e da Biblioteca, fazem parte do CNFCP os setores de Difusão Cultural e de Pesquisa, que, juntos, já produziram mais de 120 catálogos de mostras na Sala do Artista Popular (SAP), inúmeros fôlderes de exposições na Galeria Mestre Vitalino, diversos livros, vídeos, discos e CDs e diversas outras publicações.

Um dos principais programas do CNFCP no apoio ao artesanato tradicional é o Programa de Apoio a Comunidades Artesanais (PACA). Para sua execução, o CNFCP e uma ampla rede de parceiros voltados para uma ação dirigida aos setores menos assistidos da sociedade brasileira – mais especificamente grupos de baixa renda e ligados à cultura popular tradicional – uniram-se na certeza de estarem consolidando um tipo de atuação que preserva e respeita os indivíduos e os saberes tradicionais, ao mesmo tempo em que cria oportunidade para o incremento da atividade artesanal e conseqüente geração de renda, ocupação de mão-de-obra e colocação do produto artesanal no mercado consumidor, reforçando raízes culturais formadoras das

diversas coletividades que conformam o perfil deste país.

Iniciado em 1998, até o momento o PACA traduziu-se em projetos de incentivo ao artesanato tradicional, realizados com recursos captados junto ao Projeto Alvorada, à Sudene, à Eletrobrás, à Petrobras e à Petrobras Distribuidora, nos seguintes municípios: Maceió (AL), Salvador, Barra, Saubara, Irará e Rio Real (BA), Tracunhaém (PE), São Mateus (ES), Santana do Araçuaí, Coqueiro Campo, Campo Alegre, Pedras de Maria da Cruz, Januária, Cônego Marinho, São Francisco e Chapada do Norte (MG), Juazeiro do Norte (CE), Paraty e Angra dos Reis (RJ), Abaetetuba e Santarém (PA), Corumbá e Ladário (MS), São Luís (MA) e Vale do Ribeira (SP).

Ainda no âmbito do artesanato, o projeto Sala do Artista Popular (SAP) efetuou, nas últimas décadas, mais de 120 pesquisas etnográficas, acompanhadas por exposições e comercialização de produtos artesanais em seu espaço no CNFCP. A experiência da SAP mostra que, além do resultado financeiro imediato das vendas durante o período da exposição, a interação com visitantes e a divulgação de sua obra em larga escala traz, para o artista popular, outros benefícios duradouros, como convites para novas mostras, encomendas por lojistas, contratação para demonstrações técnicas e palestras em escolas e outras entidades. Além de contribuir, portanto, para a ampliação do mercado, essas atividades propiciam uma percepção mais clara por parte do artista

sobre o valor de seu trabalho e, por parte da sociedade em geral, sobre o valor da arte popular e dos objetos artesanais como marcas da identidade e da expressão popular.

Na linha de trabalho do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o CNFCP, em convênio com o Ministério da Cultura, iniciou em 2001 o projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular, realizando atividades de inventário e registro sobre os seguintes temas: o bumba-meu-boi do Maranhão, uma das formas de celebração relacionadas ao complexo cultural do boi no Brasil, além da viola-de-cocho do Pantanal e do jongo no Sudeste, também vistos como formas de celebração. As pesquisas se desdobram também visando os diferentes modos de fazer relacionados à produção de cuias em Santarém (PA) e à musicalidade das violas e percussões. Os saberes associados ao acarajé, em Salvador (BA), e à farinha de mandioca, no Pará, foram pesquisados e inventariados na perspectiva dos diferentes modos de fazer relacionados aos sistemas culinários da mandioca e do feijão; e as cerâmicas de Candeal (MG) e de Rio Real (BA), na linha de pesquisa sobre a cerâmica brasileira. Com patrocínio da Petrobrás, foram realizados e finalizados os inventários das festas de largo em Salvador (BA) e do Divino maranhense no Rio de Janeiro. Vale destacar que já foram registrados pelo Conselho do IPHAN os seguintes bens imateriais resultantes de pesquisas realizadas pelo CNFCP: o ofí-

cio das baianas de acarajé, a viola-de-cocho pantaneira e o jongo da região Sudeste.

São também priorizadas ações voltadas para a formação de público, entendendo-se, nessa perspectiva, que exposições, seminários e concursos são atividades propícias ao maior estreitamento da relação do público com a cultura popular e, conseqüentemente, do próprio CNFCP com seus usuários.

A instituição acredita que as pesquisas que desenvolve, os acervos que coleta, os documentos que produz, as fotos e gravações sonoras e visuais que realiza sobre a imensa diversidade cultural deste país, ao logo destes mais de 45 anos de trabalho, só ganham sentido na medida em que o público os conhece, toca, faz uso deles e os questiona. Este é o princípio que move o trabalho institucional.

Como conseqüência, entendemos que todas as nossas ações têm uma preocupação educativa, sendo a educação entendida como algo que acontece de forma permanente na vida de todo indivíduo, algo que pode e precisa ser prazeroso.

A educação é resultado das práticas culturais dos grupos sociais. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas. Respeitá-las e fazê-las conviverem é construir cidadania. De algum modo, na relação com o público também se ensina e se aprende todos os dias, por meio de um diálogo cultural permanente.

A atuação do CNFCP se faz na perspectiva de que é a cultura que dá conteúdo à educação.

Assim, no campo da educação e do estímulo à pesquisa científica sobre folclore e cultura popular, destacam-se o Concurso Sílvio Romero de Monografias, instituído em 1959 e realizado anualmente, e o Curso Livre de Folclore e Cultura Popular, criado em 2001, compreendendo aulas, palestras, debates, exibições de vídeos e filmes, visitas guiadas a exposições e museus, distribuídos em 86 horas de atividades, que ocorrem geralmente no mês de julho.

Especialmente no campo da educação, há ainda os projetos itinerantes implementados junto a professores e alunos das redes de ensino. São eles:

De mala e cuia. Biblioteca itinerante que reúne acervos de livros, discos, folhetos, fotografias e recortes de jornal para pesquisa escolar. Foi criado em 1994 e, ao mesmo tempo em que oferece fontes adequadas para consulta estudantil, tem como proposta abrir, de forma mais explícita, um debate na escola sobre o significado da pesquisa escolar em geral e, mais especificamente, na área que nos diz respeito, o campo do folclore e da cultura popular. Com cinco séries – uma disponível permanentemente para consultas na Biblioteca Amadeu Amaral e quatro itinerantes pela rede de ensino –, o projeto atende mensalmente a quatro escolas. Podemos afirmar que o material é manuseado, mensalmente, por um público médio de trezentos estudantes em cada escola.

Olhando em volta. Criado em 1993, constituiu-se em uma exposição itinerante idealizada para possibilitar à criança/adolescente vivenciar o processo de monta-

gem de uma exposição. Revela os bastidores do museu, oferecendo conhecimentos sobre os procedimentos museológicos e permitindo que, a cada montagem, a mostra adquira as feições do grupo que a organizou. Os dois módulos existentes atendem a duas escolas por mês, permitindo que, em cada uma, um grupo de cerca de 25 crianças participe mais ativamente do processo de montagem e em média mil crianças conheçam a exposição. Isso porque se prevê que, ao final da montagem, a comunidade local seja convidada, garantindo assim que familiares e estudantes de outras escolas também a visitem.

Fazendo fita. Coleção de fitas cassete e de vídeo, com registros sonoros e de imagens sobre temas da cultura popular selecionadas com base na exposição permanente do Museu, tem por objetivo apoiar as pesquisas sobre expressões culturais do homem brasileiro e seus contextos. Há três séries disponíveis para empréstimo à rede escolar.

Desse modo, o CNFCP, instituição nacional de pesquisa e difusão do conhecimento das culturas populares que até o ano de 2003 integrava a Fundação Nacional de Arte (Funarte) e hoje está abrigada no IPHAN, do Ministério da Cultura, espera poder cumprir os objetivos para os quais foi criado, atendendo às necessidades contemporâneas de ampla parcela da sociedade nacional, os produtores da chamada cultura popular, e aos brasileiros como um todo, por entender que o universo com que lida constitui patrimônio de toda a nação brasileira.